

PLANTAS, BOBAGENS, OS AGRÔNOMOS E SEU MUNDO

Cristiano Budreckas

Outubro 2015

No final de agosto passado, participei da festa de 30 anos de formatura de minha turma de faculdade e como faço parte da espécie *Homo sapiens sapiens*, tenho o péssimo hábito de filosofar sobre as “cousas” do mundo que nos cerca, pois;

“Existo logo, penso! ”

Na viagem até a Fazenda onde se realizaria a confraternização, comecei á tecer imagens de como estariam todos os colegas de faculdade trinta anos depois. O espelho mágico dos pensamentos logo refletia as imagens.

Um monte de homens; carecas; barrigudos; trajados com roupas de nomes estranhos como Lacoste, Colcci, Boss; ladeados por suas distintas senhoras, exibindo jóias de “oros” e brilhantes; ostentando possantes caminhonetes 4X4, 8X8, 16X16 ... e que conversariam papos estranhos como commodities, Atucha 2, derivativos, agribusiness, entre outras conversas típicas de coquetéis, onde se fala o que não se entende com quem não se conhece.

Errei! Errei e muito! Só acertei na parte que encontraria um Monte de Homens.

Sim, havia um Monte de Homens, até porque na turma da faculdade, de 216 que iniciaram o curso, as representantes do gênero feminino, podiam ser contadas nos dedos de três mãos e dois pés e ainda sobravam dedos...

A agronomia daquela época, infelizmente era profissão típica de homens, para nossa infelicidade e mais, as poucas moças que percorriam por esse caminho, com raras exceções, não eram tão belas quanto as moças que seguiam as trilhas da fisioterapia, psicologia ou fonoaudiologia, sempre tentei entender o porquê dessa discriminação digamos de gênero e de plástica. Existia um ditado á época que era falado á boca pequena, que:

Quando a mina nascia, deus virava para ela e perguntava:

“- Queres ser bonita, ou queres fazer agronomia? ”

Devo abrir aqui um parênteses para me desculpar com as meninas, até porque gostava muito delas, principalmente da Karlinha e da Talma, bem deixa prá lá... Desculpem – me meninas!

Esse quadro terrível, mudou muito; pois basta um giro ás graduações atuais das ciências agrárias, para identificarmos inúmeras Vênus a desfilar por entre pés de café e leiras de cana.

Bem, voltando á nossa festa, ao estacionar meu possante Corsa 1.0, verifiquei que a frota de suntuosas 4X4, 8X8, 16X16..., não estavam estacionadas por ali, pois os carros que ali estavam eram iguais ao meu ou pouco melhores, no máximo uns Corolla, uns Civics, uns Astras.... Fui então procurar as caminhonetes 4X4; achei-as. Ainda que, não eram as que procurava.

Eram quatro Toyotas Bandeirante 4X4, aquelas verdinhas que fazem um barulhão danado, soltam uma fumaça de fazer inveja ás refinarias de petróleo e que trepidam mais que aquelas esteiras “Vibrocharger” anunciadas como a última maravilha do emagrecimento, naqueles canais de TV que ninguém assiste e que eram compradas pelo 1406.

Saindo do estacionamento fui para o barracão, lá esperava encontrar um monte de caixas de colheita, entremeados á sacos de adubos e implementos agrícolas que serviriam de bancos e mesas, culminando com duas churrasqueiras de meio tambor, onde as brasas ardiam e douravam linguiças, coxinhas de frango e alcatra. Ledo engano!

Tudo estava arrumadinho, umas quarenta ou cinquenta mesas com toalhas branquinhas, rodeadas com cadeiras revestidas com “chitas” iguais ás toalhas. Na lateral, dispostas meia dúzia de churrasqueiras ardentes e quatro ou cinco freezers, tudo sendo operado por meia dúzia de dez garçons. Como diria o pessoal de Pinhal: “Chique no úrtimo!”

Em nada parecia nossos churrascos de tempo de república, que eram feitos sobre meia dúzia de paralelepípedos, com a carne espetada em arames enferrujados, com todos sentando nas “caixas amarelas da Skor”...

Bem, pecar por excesso não é pecar, mas que o visual estava mais para festa de formatura de turma de decorador (prá pegar leve e ser politicamente correto), mas isso tava!

Assim que apareci, os que lá estavam, começavam o célebre exercício de tentar adivinhar quem Eu era; na verdade, qual era meu apelido, pois na faculdade de agronomia, ninguém é conhecido pelo nome, mas sim por apelidos. Geralmente, os apelidos buscam uma caricatura de algum defeito físico do cidadão que um dia resolveria virar agrônomo; como Telesp, logicamente pelo tamanho da orelha, Véio,

pois o cara aparentava ter bem mais idade e tantos outros, como; Corvo, Fuinha, Jacaré, Cabrito, Trovão; logicamente tinham aqueles ilustres hollywoodianos, Smurf, Roque Santeiro, Bozó, Soneca, Atchim, Dunga.... Sem falar em ícones do momento, como Sarney, Senna e Naldinho – não sabes quem foi Naldinho? Pois bem, no início da década de 80, havia em São Paulo um meliante, esses conhecidos como “di menor”, que apavorava polícia e população, o Fontoura e o “Naldinho”, eram “cara de um e focinho de outro”, tanto que o Fontoura sempre andava com o documento em mãos para evitar ser confundido com o ícone ostentação do momento.

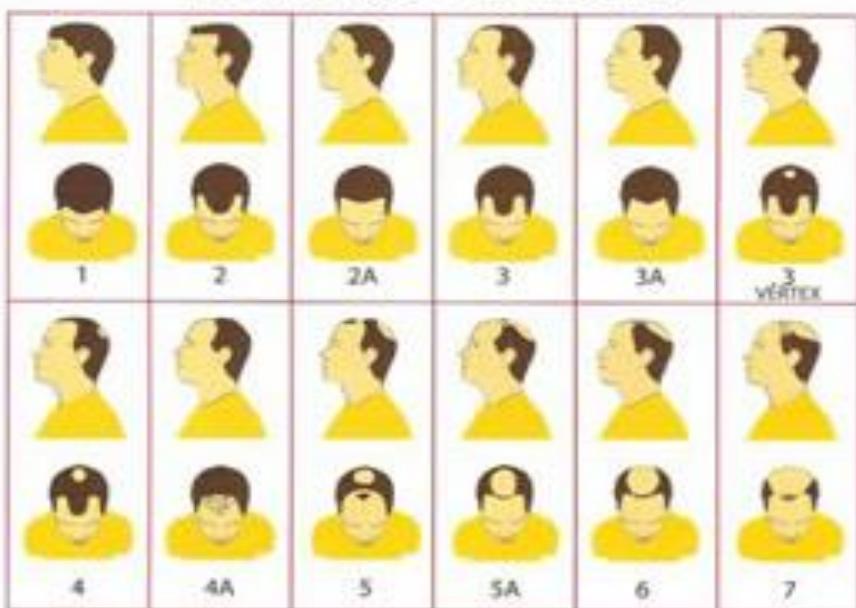
Com uma parte nominada, ficávamos agora a tentar identificar quem chegava, num exercício mental para afrontar Alzheimer. Alguns eram fáceis de identificar, outros nem a “Madame Catita”...

À cada um que surgia no estacionamento, minhas teorias eram minadas, pois estavam na grande maioria magros e sem barriga. Podia-se contar nos dedos de uma das mãos os que haviam crescido lateralmente, começando por este que vos escreve.

Minha teoria descia córrego abaixo também com relação ás carecas, poucos eram os carecas, em sua maioria eles já eram carecas ou tinham grandes entradas á trinta anos. De lá para cá o cabelo de todos se conservava, afrontando os genes.

Após o churrasco fui tentar entender os reais motivos porque os agrônomos não ficam carecas apesar de herdarem de suas mães os genes desse mal, descobri que os meus pares se classificam na nota dois da Escala de Norwood, que vai até sete.

Escala de Norwood



Li diversos textos científicos e não cheguei a nenhuma conclusão, decidi então apelar para a minha filosofia de beira de córrego e aventurei que é um conjunto de fatores que evitam a Alopecia Androgenética Masculina; são eles, o próprio córrego no papel de vara de bambú e lambaris, a cachoeira no meio do expediente que não tem hora para ser expediente, a laranja lima e o canivete na sombra da mesma laranjeira, os milhares de quilômetros percorridos por “estradas de chão”, os chapéus de palha e os bonés da Massey, da Bunge, da Sakata e da Jacto entre tantos outros.

Minhas conclusões, vão contra os especialistas capilares, pois eles são unanimes em abominar os tais bonés. Só que eles não sabem o que falam. Os bonés que eles abominam são aqueles bonés de marca, tipo Reebok, Bilabong, Nike... aqueles que “os manos” usam e que custam duzentos e cinquenta mangos; são feitos em várias camadas de pano, impermeabilizados com tinta acrílica com anti UV, duram para sempre ou até “um di menor” falar: “Perdeu playboy, perdeu! ...

Bonés de agrônomo tem sua origem em brindes, custam lá pelos seus cinco mangos, são feitos de um paninho ralo, que logo esgarça, ficam puídos, desbotam em duas semanas; raramente durando até o próximo dia de campo; essas características os tornam ideais para a respiração do couro cabeludo.

Faltou só traduzir o que é Alopecia Androgenética Masculina; em poucas palavras, é o tal “aeroporto de mosquito”, “ovo de avestruz”, “pista de esqui de mutuca”...

De volta ao churrasco, notara que todos vieram uniformizados. Sim a categoria tem uniforme. Todo agrônomo veste roupa de cornão!!!

Isso mesmo, todo agrônomo, indistintamente é cornão!!! Vou provar;

Se um dia entrares num restaurante e alguém pedir para olhares dois cidadões sentados a uma mesa e que apontes qual é o Agrônomo e qual é o Médico. Sem medo de errar, o que estiver usando uma camisa discreta, digamos da marca Remo Fennuti, certamente será o médico e o que estiver usando uma camisa Cor sim Cor Não, digamos das Casas Pernambucanas, é com certeza o Agrônomo. Podes se aventurar mais longe em suas adivinhações de “modamância”, observando que se a camisa for quadriculada, diga que o agrônomo é de Usina ou de Cooperativa. Lembres, o profissional da Terra de camisa listrada ocupa posição social e situação econômica abaixo daquele que usa camisa quadriculada.

Em tempo, se o sujeito usar boné, certamente é agrônomo de uma estirpe diferente das anteriores; ele é um extensionista (o mais nobre e também o mais pobre de todos), é o sujeito que gasta os dias da vida tomado sol e engolindo pó ou tomado chuva e amassando barro á entreabrir porteiras nas estradas rurais e transpassar

arames farpados a caça de uns caraminguás. Este tipo ocupa o último degrau da base da pirâmide econômico/social daqueles que versam o Agronomês.

Reservo aqui o direito constitucional de me manter em silêncio e não descrever os outros três tipos existentes de agrônomos, para assim evitar conflitos de amizade.

Se bem que parece existir um degrau abaixo do último da pirâmide sócio econômica dos profissionais do pó. Esse degrau é como um limbo, um Hades e é para lá que migram aqueles que vão ao reino de Plutão. É algo como o sujeito juntar os trapos com uma Nutricionista que tem fixação por soja, ficando o pobre conjugê a mercê de uma dieta com produtos como, leite de soja, tofu, bife de soja, batata de soja, pudim de leite condensado de soja, saquê de soja, etc. Esses profissionais desiludidos abandonam a carreira, cancelam o CREA e usam o diploma para atividades mais nobres, como por exemplo, forrar a gaveta de cuecas.

Nessa mesma linha dos excluídos, já existiu um agrônomo que ficou muito famoso por vender suco de laranja, não me lembro muito bem, mas na época o companheiro de profissão vendia suco cítrico na avenida Paulista e a imprensa o retratou como “o agrônomo que virou suco”.

Fico a pensar se nas outras profissões também ocorrem essas mudanças gastrônomo profissionais. Será que existe um marqueteiro que virou patê? Um jornalista que virou almondega? Um economista que transmutou-se em feijoada? Um médico que virou macarronada? Um advogado que virou pudim, manjar ou bolacha...?

Bem da verdade esse “agronomo que virou suco”, era até bonzinho, era bom moço, comportadinho, discreto, “boas pedras”. Pois a maioria dos profissionais das ciências agrárias vira ool ou enol. Não que eles vão trabalhar na cadeia produtiva do álcool (ool) ou do vinho (enol); isso até ocorre, mas é com uma pequena minoria. A grande maioria se encontra ao final da cadeia produtiva, sua condição é de consumidor final, de bebedores contumazes, de cachaceiros. São os AAA (Agrônomos Alcoólatras Anônimos)

É comum em toda faculdade de agronomia, após cinco anos de período integral de estudos, o sujeito receber dois diplomas; o normal e o de Alcoólatra. Diploma esse que pode ter vários níveis á saber; nível I= cervejeiro; nível II= vinhateiro; nível III= cachaceiro; nível IV= Putin friend's (destilados) e por último o nível V = todas as outras categorias juntas.

Agrônomo é “técnico de bar”!!! Explico. É comum encontrar esses discípulos de Ceres em bares da vida degustando iscas de picanha ou batatinhas á vinagrete, na companhia de copos de dose e ou “loiras” - entenda loira como cerveja, pois outra

característica muito marcante desses profissionais é não fazer qualquer tipo de discriminação com relação ás madeixas das donzelas que os acompanham.

Se um dia encontrares numa mesa de bar os mesmos personagens anteriores da medicina e das artes agrárias, logicamente após reconhecer o monge pelo traje, faças o seguinte teste; dirija-se ao médico e argumente;

“-Dr Fulano, estou com uma forte dor aqui ao lado da cabeça, o Senhor pode dar uma olhada? ”

Certamente como resposta o discípulo de Hipócrates (nada a ver com Hipócrita) te entregará um cartão e te dirá para ligar no dia seguinte para a secretaria dele, agendando uma consulta. Logicamente a consulta será agendada para dali á vinte e seis dias, que é quando a agenda dele tem um horário, (detalhe se tua consulta for por convênio tipo UNIMEDE, pode levar três meses), por certo após vinte e sete dias, das duas uma, ou a dor terá cessado ou terás morrido.

Da mesma forma dirija-se ao agrônomo com a seguinte postura;

“ -Cicrano de Tal, os pés de limão do meu sítio estão com umas manchas circulares nas folhas do tamanho de uma cabeça de alfinete e estão produzindo muito pouco, o que devo fazer? ”

Notes que de cara sumiram os pronomes de tratamento, que indicam respeito, Doutor e Senhor. O amigo de Ceres te devolverá algumas perguntas, tipo; de que cor são as manchas? Elas se encontram nas folhas velhas ou nas folhas novas? Há uma camada parecida com poluição sobre as folhas?

Vejas, em dois minutos e sem realizar qualquer tipo de exame de HDL, Glicemia, Urina total, Creatinina, ou outro qualquer, o profissional da Terra tem o diagnóstico.

“- É um bichinho que chupa o sangue da planta e se chama cochonilha, é transportado pelo vento e pastoreado por formigas...”

Tú então quer saber como combater os tais “bixins”. Ato contínuo o agrônomo ferindo todas as regras de bom senso e as relações ético/profissionais, a legislação do receituário agronômico e a própria conta no banco, tira uma “Bic” do bolso, saca um guardanapo da papeleira, onde prescreve a receita que contêm o nome comercial do agrotóxico á utilizar, o modo de usar, dosagem, frequência, etc, logicamente não se esquecendo de recomendar o uso de EPIs, afinal é ele um profissional consciente e o anjinho empoleirado no ombro direito lembrou-o que o produto é veneno e alguns cuidados são necessários.

Satisfeito pela rapidez da solução e pelo “custo zero” da assessoria e com a certeza de safra garantida, pedes mais uma rodada de chope ao garçom, com a lembrança do tradicional brinde ás mulheres, ás suas. Já no próximo brinde, a oferenda é para a mulheres dos próximos, lembrando sempre que neste caso é interessante que os próximos não estejam próximo.

No auge dos discursos de Bar, lembram-se sempre que o agronomês é uma língua singela, que em nada se compara a linguagem médica. Exemplos disso não faltam, por exemplo; Urolitotripsia, que quando traduzido significa uma operação com corte para retirada de pedra na uretra. A medicina tem uns termos muito “malucos”, como por exemplo, o sujeito que está em estado vegetativo, se diz em “estado de coma”, o “maluco” disso, é que o sujeito que nesse estado está nada come!

Outro exemplo marcante, é o “médico legal”, que por definição é o profissional que trabalha com a “causa mortis”. Se esse é o médico legal, como deve ser o médico escroto? Se bem que toda essa questão de gramática médica está mudando, exemplo disso é que até pouco tempo, havia “o derrame”, aquele que sofria um derrame, na verdade tinha tido uma falta. Uma falta de oxigenação no cérebro. Nada havia se derramado! Esse desvio foi corrigido, pois hoje a linguagem médica nomina essa CID como AVC. Entendeu?

Ao compararmos o médico e o agrônomo, vemos que o médico é o herói da cidade, é assim considerado em todos os meios, literalmente por todos os mortais. Condição heróica só igualada até pouco tempo pelos bombeiros e pelos carteiros. Os carteiros na virada do terceiro milênio, caíram em desgraça, pois deixaram de entregar cartas de namoradas, para só destinar malas diretas e boletos de contas. Os bombeiros ainda continuam na lista “Top 10”, só são superados pelos médicos quando estes trabalham como médicos na corporação dos heróis do fogo. O médico que é socorrista dos bombeiros é visto como a última Coca cola do deserto em garrafinha de vidro “KS” (KS = King Size = Máximo Sabor).

Já o Agrônomo é uma espécie de anti-herói; um Mikhail Gorbachev, um Macunaíma do meio rural. É um sujeito que só é lembrado no dia das crianças, quando a empresa agroquímica americana Monsantos passa meia dúzia de três comerciais agradecendo esse profissional por vender muito milho transgênico casado com muito herbicida Roundup.

Deves estar perguntando o por que o profissional que cuida do “Celeiro do Mundo”, só é lembrado no dia das crianças? Simples, muito simples! Porque o dia desse profissional é comemorado coincidentemente no dia das crianças, 12 de outubro.

Lembrando que no dia 12 de outubro é dia de viajar a “Paris”, “na verdade “Paris cida”, “Aparecida do Norte”, para louvar a Santa.

Alguém em sã consciência pode acreditar num misto de profissional - criança – santa? Ninguém acredita, nem mesmo o conselho que regulamenta o desempenho da profissão acredita. Até poucos dias, o CREA era o Conselho Regional de Engenharia Arquitetura e Agronomia, não existia na sigla o “A” de Agronomia, pois nunca se grafou CREAA. Sempre ficou aos profissionais a impressão de sobra, de algo que foi anexado depois, meio à contragosto; tal qual o “moleque perna de pau” que só é escalado no time por uma questão de número e não de talento ou valor.

Pintei um quadro horrível de minha profissão. Rebaixei os agrônomos a condição de “piolho de cobra”, para não dizer outra coisa; mas vou me redimir.

Não conheço profissão mais eclética que a Agronomia. O Agrônomo é um sujeito que conhece “tudo de tudo”. Ou sendo mais humilde, “um pouco de quase tudo”. Podes perguntar a um agrônomo sobre o que ele acha de Angra III e ele afirmará ser contra sua construção e complementará dizendo que não é contra a construção pelo ônus ambiental gerado, pois ambientalmente uma usina nuclear é o sistema gerador de menor impacto ao meio por KW gerado. Mas o agrônomo dirá que é contra, em função do ciclo de vida útil de uma usina.

Para nós o ciclo mínimo de vida das “coisas”, é um ano, tempo necessário para a planta ser semeada, cultivada, colhida e a terra ser novamente preparada para que Ceres, a torne plena. Já o ciclo máximo é de cinco mil anos, se ao invés de um pé de alcachofra lançarmos ao solo sementes de Jequitibá, de Peroba ou de Oliveira.

Te dirá o profissional da terra, que o grande problema de Angra III, é que toda a construção será útil só por 80 ou 90 anos, sendo então desativada. Esse é o motivo da negativa de opinião.

Se fizeres a mesma pergunta a um médico, ele emudecerá, após algum tempo em se expressando, o fará em poucas palavras e mesmo assim medidas.

Perguntando ao agrônomo sobre a renúncia do Papa e este após filosofar sobre a pedofilia na igreja, sobre o crescimento dos evangélicos ou sobre a ortodoxia em relação ao uso de camisinha e outros métodos contraceptivos (logicamente não nesses termos), terminará com a piadinha:

- Qual será o menu do almoço após a reunião dos dois Papas – o Renunciante e o Prevalecente?

R.: Papinha!!!

Subtraindo a etapa do heroísmo, vamos considerar o lado bom da profissão. O tal médico, é o profissional que com raras exceções, dia sim e outro também, só vê na sua frente, gente doente. Já nós temos prazeres profissionais mundanos que talvez só os Veterinários um dia possam experimentar. Prazeres simples atrelados á profissão, como tomar banho de cachoeira no meio do expediente; pescar uns lambaris enquanto papeamos para a anamnese de nosso consulente; tomar café com leite acompanhado de bolo de fubá com erva doce, preparado pela Dona Maria, após ficar um tempão trepado num pé de jabuticabas repleto de sanhaços; tomar uma Tubaiana comendo pão sovado, no boteco lá no bairinho isolado, sentado numa caixa de tomate, enquanto esperamos o sol se esconder por trás dos morros ou o trator chegar para desencalhar o carro que ficou atolado no barreiro; ...

Ao encontro dos dois profissionais, Médico e Agrônomo, ainda merece mais um comentário, pois há ainda duas relações dicotômicas que envolvem agrônomos e médicos.

A primeira é de ordem econômica e tem a ver com a formação do patrimônio particular desses profissionais;

‘-Não conheço nenhum médico pobre! E só conheço um agrônomo rico! ’

O único agrônomo com riqueza patrimonial que conheço é aquele que “virou perfume”. É isso mesmo, há um de nós, um alienígena, que virou perfume ou algo que o valha. O colega montou uma empresa nominada por mim de Fatura, pois fatura explorando a beleza das mulheres, vendendo produtos em microgramas ou ppms de fragrâncias misturadas com água.

A segunda relação tem a ver com o desempenho do profissional. Há dois elos muito fortes de união profissional entre os que militam na medicina e na agronomia, são eles; o **Erro e a Terra**, pois:

“O Erro do Agrônomo a Terra mostra; o Erro do Médico a Terra esconde!”

Voltando ao nosso sarau, observei que ninguém ostentava perante o próximo sua situação econômica, ainda que, não fosse difícil perceber quem estava em boas condições financeiras, pelo tipo de atividade que desenvolvia.

Mas havia ainda um fator que me incomodava muito, poucos estavam acompanhados de esposas e familiares, comecei então uma sondagem desse por que e descobri algo interessante, com poucas exceções, todos estavam no segundo, terceiro ou quarto casamento, ou em vias de e haviam deixado o policiamento em casa ou no shopping mais próximo.

Os pensamentos voaram e levaram ás reflexões, agrônomo é profissional do pó e do barro (nem um nem outro nos são sujeira); da semeadura e da colheita; nosso ano não começa em Janeiro e termina em Dezembro, mas sim começa em Julho e termina em Junho; nosso horário é antes do sol nascer até quando o carro de Apolo se esconde no firmamento e as galinhas se acocoram nos galhos de laranjeira; nosso local de trabalho é algo inexistente, pode ser aqui ou pode ser acolá; consequentemente, nossa compreensão do mundo é diferente e talvez por isso, deva ser muito difícil para uma esposa desenvolver essa compreensão e acompanhar o distinto cônjuge.

Precisamos compreender a “**dimensão das coisas**”. Precisamos compreender do Microscópico para entender um nematoide, ao Cosmológico para entender como a meteorologia pode ajudar no controle dessa praga. Precisamos entender da Física quântica do Sr. Einstein para saber da sinergia de dois produtos químicos, a compreender o neosemitismo do Bispo Maiscedo, para podermos explicar ao seu discípulo, “Irmão Josué” sobre os usos desses produtos. Precisamos entender sobre a Origem das Espécies pela Seleção Sexual do Sr. Darwin para produzir alimentos em condições de respeitar as teorias econômicas de consumo do Sr. Angus Deaton, que acabou de explodir nas mãos do Sr. Nobel.

Em suma, agrônomo é um sujeito que vive num mundo diferente, um mundo dicotômico. **Dicotomia do grande e do pequeno.** Do cm² e do Hectare, dos oito e meio milhões de quilômetros quadrados; do mililitro á milhões de sacas; do tempo relativo a um segundo aos cinco mil anos; da pequenez das ondas do ultravioleta ao gigantismo do infravermelho.

Assim, a dificuldade de se viver na realidade das pessoas normais e a aceitação de padrões comportamentais das pessoas normais, gera conflitos; talvez seja essa a motivação para que os profissionais do pó e do barro, fiquem a desafiar a Igreja de Francisco nesse, casa - separa, separa – casa, casa- separa, separa...

Ou seria porque agrônomo é profissional que todos os dias pula cercas aqui e acolá, acabando por se especializar nessa atividade?

Para terminar copio Eduardo de Almeida Reis em seu imperdível livro, “As Vacas Leiteiras e os Animais que as Possuem”, que narra como ninguém, a saga do meio rural;

"O presidente? Ele está na fazenda", informa a mocinha da secretaria, bonitinha como ela só.

Lá no fundo, bem no fundo de sua cabeça, passa a idéia de que, sendo condenado a 20 anos de reclusão, você jamais poderá comer aquela coisinha fofa, de lindos dentinhos, peitinhos que até enternecem, com uma pontinha de cor, para dar resistência ao meio tropical, moça que tem sido objeto de suas atenções e seus presentinhos nos últimos três meses.

Bela confraternização; obrigado aos amigos que a organizaram e a tornaram possível...

Cristiano Budreckas (Bu Santeiro)